

EDITORIAL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM: 90 ANOS DE ENFRENTAMENTOS E REALIZAÇÕES¹

No dia 12 de maio comemoramos o Dia Internacional do Enfermeiro e a abertura da Semana Brasileira de Enfermagem. Estes dois eventos são bastante simbólicos no reconhecimento social e cultural da enfermagem no Brasil e no mundo. Reconhecimento que lutamos também para que ocorra, não só neste dia, mas em todos os dias e em todos os lugares onde haja profissionais cuidando da vida.

Por cumprir uma importante missão registrada no plano de trabalho da diretoria ABEn-MG gestão 2013-2016, quando nos propusemos a manter viva essa entidade, comemoramos então a vida! Vida que é árdua e pesada, às vezes, mas também que nos revela que cada novo dia é a esperança de que podemos continuar vivendo e construindo uma enfermagem melhor.

A ABEn-MG foi criada em 1947, por Waleska Paixão, então diretora da atual Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Nos meses de janeiro e fevereiro de 1947, nas dependências do internato da Escola de Enfermagem, ocorreram as sessões de eleição e posse da primeira diretoria da ABEn-MG, com a presença de 13 enfermeiras, sob a liderança de Waleska Paixão, eleita como a primeira presidente.

A ABEn-MG foi a quarta Seção a ser criada no país e desde a sua criação sempre teve um expressivo papel no desenvolvimento da enfermagem mineira, contribuindo também para o desenvolvimento da ABEn Nacional, seja sediando os eventos no âmbito do estado, tais como os congressos brasileiros de enfermagem; participando ativamente de grupos de trabalhos e comissões nacionais e, de modo muito particular, com enfermeiras que ocuparam cargos na direção da ABEn nacional, com destaque aqui para

- Maria Auxiliadora Córdoba Christófaro, presidente da ABEn nacional gestão 1992-1995;
- Dulce Castro Mendes – segunda tesoureira gestão 1976-1980;
- Maria José Cabral Grillo – segunda tesoureira gestão 1989-1992;
- Maria José Morais Antunes – diretora de assuntos profissionais gestão 1995-1998; gestão 1998-2001 e gestão 2007-2010.

É importante reconhecer o feito dessas enfermeiras, *guerreiras*, que marcaram a trajetória da Associação e do desenvolvimento da enfermagem no nosso país.

Mas falar do momento atual é também refletirmos sobre a construção que ainda vamos fazer da ABEn e da enfermagem. Dos passos que ainda precisamos trilhar para assegurar o futuro da profissão. Parte dessa caminhada passa pela formação e estamos atentas, atuando para garantir mudanças na educação em enfermagem e uma construção mais coletiva desse processo. Os nossos conselhos de escola são exemplos disso.

Vale a pena destacar que somos hoje no Brasil mais de 1.000 cursos de graduação em enfermagem, presenciais e a distância. Em Minas Gerais esse número se aproxima de 115 cursos, incluindo-se 13 polos de educação a distância. Contabilizam-se mais de 334 cursos de formação técnica profissionalizante no estado.

¹ Pronunciamento da presidente da Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Minas Gerais por comemoração do Dia Internacional do Enfermeiro e abertura da Semana Brasileira de Enfermagem em 12 de maio de 2016.

Ao passo que o aumento de vagas e cursos de graduação e de nível técnico em enfermagem é um indicativo do crescimento da profissão no panorama do ensino, precisamos cuidar da necessária qualificação e regulação deste processo. A ABEn-MG tem atuado nesse sentido com análises sobre o cenário atual da formação e identificando questões para nossas bandeiras de lutas.

Destaco aqui o nosso envolvimento mobilizando e lutando por:

- Acentuar a qualidade da educação em enfermagem.

- Desenvolver modelos inovadores de ensino em sala de aula e em campo.

- Enfocar a preparação do professor, incluindo as competências clínicas, treinamento para pesquisa e comprometimento com o ensino como uma carreira.

- Discutir a certificação/acreditação das escolas.

- E sobretudo, lutar contra todas as lógicas excludentes no ensino, incluindo o Exame de Ordem/suficiência recentemente proposto como “saída” para um sistema educacional fragmentado, disciplinar, com poucas inovações, que ao invés de ampliar as possibilidades de formação do sujeito para a vida, pune aqueles que historicamente estão em situação de desigualdade.

Para ampliar as realizações neste campo, precisamos estar mais próximas das escolas e precisamos que também as escolas estejam mais próximas da ABEn, inclusive se vinculando à ABEn conforme rege nosso Estatuto.

Temos vivido períodos de muitos avanços mas também de muitos desafios no associativismo.

Vivemos um período de grande liberdade política e pessoal na história da humanidade, mas talvez o maior desafio que a gente enfrenta hoje, contraditoriamente, nesta sociedade que prega cada vez mais a liberdade, a possibilidade dos sujeitos construírem sua história, seja o desafio das organizações políticas. É nesta sociedade onde cada um é livre para fazer suas escolhas e manifestar os seus desejos, que enfrentamos o desafio de fazer a organização coletiva da profissão.

Vivemos também uma grande contradição que é a da intensificação da desigualdade social, deveria ser algo que nos unisse, em torno de algumas pautas em comuns, mas é justamente pela perpetuação e pela persistência desta desigualdade que o associativismo vai se enfraquecendo. E isso, fortalece a descrença na política e na identidade coletiva. Pobreza acentuada, níveis altos de privação relativa com o que temos, reduzem o incentivo para que as pessoas façam parte dos movimentos da sociedade civil organizada. Essa realidade se aponta como um desafio para pensar a ABEn atual no maior enfrentamento que devemos ter: a própria formação da consciência política crítica.

Pensar a ABEn atual é situar o seu enfrentamento na posição de representação da sociedade civil mediando a relação entre o sistema de governo e o mercado, naquilo que afeta a enfermagem. É atuar neste cenário onde o desinteresse pela política, real ou aparente, é uma da perpetuação da dominação política, econômica, social, cultural e de gênero.

A Enfermagem é a segunda maior categoria no setor saúde. Representamos 32% da força de trabalho neste setor. Internamente, convivemos com uma divisão técnica que nos impõe desafios muito importantes. Somos 24% de enfermeiros num contingente de aproximadamente 180.000 trabalhadores de enfermagem no estado de Minas Gerais, segundo dados do Conselho Regional de Enfermagem de Minas Gerais em maio de 2016.

Esse contingente é majoritariamente composto por mulheres e sabemos que essa condição, ao passo em que nos permite a delicadeza e a expressão do feminino no cuidado, também é um determinante do pouco reconhecimento político, social e econômico que enfrentamos no mercado de trabalho em geral, e na enfermagem em particular.

É inegável o quanto a presença da enfermagem é imprescindível na saúde. Estamos em todas as unidades de internação, nos ambulatórios, centros/postos de saúde, unidades móveis, serviços substitutivos, etc., praticamente em todos os

momentos em contato com a população. Nosso trabalho e nossa prática nos coloca à frente ou como parte de todos os atendimentos realizados no seu campo específico de atuação ou no trabalho multidisciplinar; na gerência e gestão dos serviços e do sistema de saúde; no ensino em todos os níveis (da capacitação profissional ao doutorado); nas ações de educação em saúde; na pesquisa, ciência e tecnologia; nos espaços de participação e controle social.

Contudo, enfrentamos desafios para avançar o trabalho na enfermagem pois ainda nos falta um claro entendimento do estoque e da distribuição dos profissionais, comparados com as necessidades presumidas dos cuidados de saúde relacionados com as necessidades da população e do Sistema Único de Saúde; um adequado planejamento e uma discussão profunda e *corajosa* sobre a composição da força de trabalho em enfermagem e mecanismos mais potentes que de fato conduzam a uma valorização profissional, tanto no que se refere ao vínculos, às condições de trabalho e ao reconhecimento da profissão.

Neste sentido, uma das realizações mais importantes que destaca-se da ABEn atual é a sua atuação nos espaços formais e nos movimentos coletivos em prol da Enfermagem. Tal perspectiva vem sendo construída com o entendimento de que é preciso muita força das associações e das nossas organizações em geral para cumprirmos com excelência o seu papel de representar a sociedade e de fazer a mediação no jogo político. Tal entendimento deriva também da nossa compreensão de que “a força da alienação vem da fragilidade dos indivíduos quando a gente consegue identificar muito mais o que os separa do que o que os une.”, como dizia Milton Santos.

A ABEn atual deve, e tem tentado construir, um papel de protagonista na representação da sociedade civil reconhecendo que esse protagonismo pode nos ajudar na modificação das estruturas de poder, pois esse processo depende do tipo de relações sociais estabelecidas no interior da sociedade.

Devemos lembrar que as associações e entidades são *espelho da sociedade: se a sociedade ainda não absorveu uma cultura política participativa, a tendência é que as associações não atraiam muitos adeptos ou, pelo menos, não tenham membros comprometidos de fato* com suas causas. Vivemos dia-a-dia esse desafio e sobre o qual devemos fazer um grande enfrentamento. Enfrentamento que passa por compreender o dilema da representação política *versus* participação política. Esse dilema nos atravessa e exige que construamos um novo sentido para a organização política na Enfermagem.

Mas como construir esse novo sentido? Com formação política, com encontros, na ativação dos coletivos.

Esse novo sentido poderá nos levar ao que chamamos de cenários futuros, pois afinal, podemos fazer essa história do futuro. Um futuro (ou os futuros...) que não sejam apenas uma reprodução do *status quo*, uma reiteração do que vivemos sem discussão e posicionamento crítico. Mas um futuro que seja desejável, construído por cada um de nós, com o que tem de melhor no nosso dia-a-dia, numa luta incessantemente pela *democracia*, em todos os seus sentidos: democratização do ensino, dos serviços de saúde e das nossas organizações.

Esse futuro da história, depende de nós e da nossa defesa intransigente por uma vida mais digna, justa e igualitária, com ética, responsabilidade e respeito *com o outro e pelo outro*.

Mas para isso, precisamos ser mais fortes, mais combativas, mais presentes e mais persistentes.

Precisamos disseminar a semente da participação política nos múltiplos espaços por onde circulamos. E precisamos buscar novos espaços e novos modos de fazer o associativismo: assembleias on line; mobilização midiática, reunião por skype. Precisamos resgatar jovens e formar novos quadros! Precisamos inovar o jeito de fazer a ABEn.

Comemoramos 90 anos da Associação Brasileira de Enfermagem, com intensa participação e contribuição da ABEn-MG. Queremos que os próximos 90 anos sejam mais intensos, mais combativos, mas também mais coletivos, mais plurais e mais inspiradores.

Quero concluir esse texto, com uma reflexão feita pela Roseni Sena, em um vídeo² para o Congresso Brasileiro de Enfermagem. Ela nos diz que

O futuro é uma possibilidade e uma construção permanente. Ele depende de cada um de nós, com nossa leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidades. E é exatamente isso que permite que o mundo seja um lugar melhor. Mas ainda há muito o que fazer. Fazemos parte dessa construção.

A enfermagem e cada uma de nós que a constituímos temos um compromisso com uma sociedade melhor e um mundo melhor! Bandeira maior da nossa construção histórica e política!

Agradeço a cada um que tem construído essa trajetória com nossos enfrentamentos e nossas realizações!

Kênia Lara Silva

*Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem
Seção Minas Gerais*

² Sena RR. *Para onde caminha a enfermagem brasileira?* Entrevista [Internet]. Belo Horizonte, 2015 [cited 2017 Jul 26]. Disponível em: <<http://www.abensp.org.br/noticias/entrevista-roseni-reduzida/>>.